

A photograph of a person walking away from the camera on a paved road that curves through a dense forest. The person is wearing a light-colored shirt, shorts, and a hat. The road has a dashed white line down the center. The forest is lush with green trees, and the sun is shining from the upper right, creating a bright glow and lens flare. The overall mood is contemplative and serene.

MÃE ENLUTADA: SUAS SAUDADES, SUAS LIÇÕES

Maria do Espírito Santo de Castro Gil



RESUMO

A dor da perda de um filho é imensurável, inexplicável. Decidi expor a minha experiência de mãe que já perdeu dois filhos. Quero mostrar às mães fragilizadas com essa mesma perda, com essa dor incondicional, com o objetivo de responder o que fazer quando sentir aquele vazio no peito, como fazer quando se sente aquela dor no coração. Onde buscar apoio, auxílio, ajuda, quando tudo parece perdido? Como sair desse desconforto, desse quadro trágico da vida humana, quando de uma mãe cheia de angústia, de tristeza luta para compreender a alegria que sentiu a alegria ao ver o filho nascer, transformada em tristeza ao ver seu filho sendo enterrado; um filho que só recebeu amor, ver agora, as pessoas jogando terra no seu corpo inerte. O processo de reconstrução exige coragem para compreender o porquê de tantos sofrimentos.

Palavras-chave: sofrimento; reconstrução; dificuldades; recomeço, resignação, fé.

ABSTRACT

The pain of losing a child is immeasurable, unexplained. I decided to expose my experience as a mother who has already lost two children. I want to show fragile mothers with this same loss, with this unconditional pain, in order to answer what to do when you feel that emptiness in your chest? How do you do it when you feel that pain in your heart? Where to seek support, help, help when everything seems lost? How to get out of this discomfort, from this tragic picture of human life, when a mother full of anguish, of sadness struggles to understand the joy of seeing her child born and the sadness of seeing her child being buried, when she received only love and see now, people throwing dirt into her inert body. The process of reconstruction requires courage to change the reason for so much suffering.

Keywords: suffering; reconstruction; Difficulties; resumption, resignation, faith.





INTRODUÇÃO

Como será a minha vida daqui para a frente? O nome querido de meu filho que foi pensado com tanto carinho antes mesmo do nascimento, vejo agora com maior frieza, trocado por alguém que já o chama de “corpo”. A perda de um filho, dói demais imaginemos essa dor vir à tona por duas vezes, sem ao menos alguém do infinito mandar uma prévia de preparação, de aviso, de consolo. Quando damos a Deus a oportunidade de modificação, de reorientação para um novo amanhã, aí, acontece o renovo. Tudo isso, olhando para o ciclo da vida, pensando nas marcas que se foram, reajo para os sonhos idealizados. Que Deus permita-me a graça para um novo recomeço, encontrando N’Ele um aliado e, uma oportunidade de ver a Sua luz iluminando a minha nova caminhada, permitindo-me substituir a visão daquele leito de meus dois filhos que se tornaram em datas diferentes, forrados de flores, e agora os acompanha para emoldurar seus semblantes que pareciam estar em um sono profundo.

Fixo minha mente naquilo que outrora me machucou muito, fazendo com que as lágrimas escorressem sem controle no meu rosto pálido, cansado, triste; olhos que não abrem mais. Mãos que não nos afagarão mais. Voz que não nos dirá: “a bênção minha mãe!”. por uma mente mais suave, mais tranquila, onde pude trocar agora aquela cena de tortura, procurando me acalmar, na certeza de que devolver o filho tão amado e esperado, devolver o que não pode ser devolvido, isso não mais ia acontecer.

A única certeza me veio da força de Deus o que me trouxe novamente a vontade de viver; viver em homenagem a meus filhos Wilk e André.



A HORA DO ÚLTIMO ADEUS

As datas de uma mãe enlutada, no caso eu, foram diferentes. WILK, meu segundo filho, com 25 anos, foi para o reino dos céus primeiro. Dezoito anos depois eu, essa mesma mãe, novamente enlutada com a perda do primogênito ANDRÉ, com 46 anos de vida. Os fatos foram diferentes, mas a perda de um filho, é a mesma, dói demais. A cena de perda se repetiu:

A notícia inacreditável, o choque, a vontade de que seja mentira, o desespero, a dor. Haja coração!

E a minha abençoada família, meus filhos, meus irmãos, me impediram de também ir com eles. O filme na minha mente se repete, e, escrevendo este artigo, vou digitando entre as lágrimas dolorosas, vou enxugando-as e com a vista embaçada, com soluços vindos de um corpo inerte afagado pela dor, vou lavando o rosto de vez em quando, para então prosseguir: meu semblante atordoado mostra EU, com corpo falido, sem quase ficar de pé, recebendo uma multidão de abraços e consolos me afagando, tentando me distrair desse momento que não tem como reverter.

É chegada a hora. E que hora tão ingrata. Essa hora não desejo para nenhuma mãe. É a hora da despedida. A cabeça meio que atormentada me impulsiona a gritar pedindo que não levassem meu filho. A bruta realidade me faz dar o último beijo, o último afago, e vem a frase sufocante entre gritos de desespero: Vá com Deus, filho amado! E uma procissão de familiares, amigos e curiosos, acompanham a partida do filho, do esposo, do pai, do sobrinho, do tio, do cunhado, do genro, do neto, do amigo.

1. O QUE SIGNIFICA SER FORTE?

Diante das circunstâncias cruciais, com inúmeras palavras de conforto: seja forte! Ser forte? O que é ser forte, quando se vela um filho, sabendo que em poucas horas esse filho inerte, agora chamado de defunto, se vai para nunca mais voltar?

Ser forte não é não chorar ou é uma demonstração de pouca fé? Sou humana. Somos humanos.

O choro veio numa mistura diferente daquele de quando Wilk e André nasciam. Só eles choravam e eu, sorria, cheia de felicidade, por ter nos meus braços, o primeiro filho. Cinco anos depois, o segundo filho. Lágrimas diferentes de tantas outras já derramadas. Lágrimas de alegria por ver o filho dar os primeiros passos; lágrimas de preocupação no



primeiro dia de aula e em noites em que eles demoravam voltar para casa. Lágrimas de vitória, quando em noite especial e de gala tive orgulho na colação de grau, no diploma de faculdade, na posse de um concurso. Agora, eles descansam, o semblante de quem dorme, tranquilos. Eu, porém, cercada pelos parentes e amigos, chorava. Chorava o desespero da despedida. Estava sendo arrancado mais uma vez o cordão umbilical. Agora não era de uma criança que chegava ao mundo. Agora eram dois cidadãos deixando o mundo. Era um filho, um amigo, um companheiro. Eram duas partes do meu coração, de um coração dividido em quatro partes, ou seja, quatro filhos. Hoje, os meus filhos Danielly e Raymar são a razão do meu viver.

2. NÃO TEM MAIS CORPO PARA VELAR. E AGORA?

As perguntas sem respostas aparecem, trazendo uma forte aula de psicologia, de sociologia, de filosofia. Por quê? O que eu mãe, fiz para merecer? Tinha que ser desse jeito? Nessa idade? O que ele sentiu quando estava deixando o mundo? Sentiu dor? Saudade? Lembrou de quem? Pediu perdão a Deus? Etc., e etc.

A volta para casa; não tem mais família, nem parentes, nem amigos. A falta do filho se esvazia de tudo. As coisas ficam sem sentido, sem cor, sem significado; a momentânea saudade paira no ar, tentando me convencer de que ele saiu e logo volta. As dolorosas e tantas lembranças... E a foto do porta-retrato, do WhatsApp, a mesma moto dobrando a esquina, aquele carro estacionando na frente de casa, o telefonema dizendo: e aí dona Maria, tudo bem? O devaneio termina dando lugar somente para a triste lembrança de que tudo realmente aconteceu.

Vem o sétimo dia, a missa de um, dois, onze meses, um ano. Alguma coisa surge no meu interior. Um vazio que me invade. E a sensação de estar anestesiada começa a tomar ciência de minha dura realidade.

3. UMA FORÇA ESTRANHA E UMA LUZ INTERNA

“O SENHOR DEU, O SENHOR TIROU, BENDITO SEJA O NOME DO SENHOR” (JÓ 1,21).

Ah, se pudesse ver o trabalho de Deus nesse momento! Ver Deus tomando o WILK e o ANDRÉ no seu colo, antes mesmo deles sentirem qualquer dor na hora de suas partidas. De repente, uma luz pairou iluminando meu subconsciente. A partir daí, comecei a sentir





uma força estranha, vinda do interior do coração. Raízes adormecidas dentro do meu ser começaram a ter vida. Cada raiz se manifestava de forma diferente: uma dizia, Maria, você não está só. A outra foi falando: Deus nunca desampara um filho, ainda mais nessa hora; outra raiz de voz mais forte disse: hora essa que Jesus também fez passar sua Mãe, quando O retiraram da cruz e O colocaram em seus braços. Entre uma voz e outra ouvi um coral celeste cantando: “O Senhor deu, o Senhor tirou, bendito seja o nome do Senhor” (Jó 1,21).

Tive a certeza de que esse estado de torpor, eram lenitivos de Jesus, tentando acalmar meu coração dilacerado, mas, naquele momento, amparado pelo senhor dos exércitos.

Entendi que aquelas raízes vieram me acordar, daquele sono profundo chamado luto. A fé no Todo Poderoso arraigada no meu espírito de família cristã, foram me mostrando que eu continuava viva e que tinha Raymar e Danielly, um casal de filhos maravilhosos que também precisavam do meu carinho.

Comecei a buscar entendimento do significado dos dizeres daquele coral que continuava zumbindo cada vez com maior frequência nos meus ouvidos.

De todas as leituras feitas, o que mais me convenceu, foi o comentário de Albert Barnes, descrito logo abaixo, me fazendo começar a entender o verdadeiro sentido do que o coral passava para mim.

E disse: Naked eu saí – Ou seja, destituído de propriedade, pois a conexão exige; compare 1 Timóteo 6: 7; “Porque não trouxemos nada para este mundo, e é certo que não podemos realizar nada”. Uma expressão semelhante também ocorre em Plínio, “Hominem natura tantum nudism”. Nat. Hist. proêmio. L. vii. Jó sentiu que estava despojado de tudo e que deveria deixar o mundo tão desamparado quanto entrou.

O Senhor deu –Ele não tinha nada quando veio ao mundo, e tudo o que obteve foi pela boa providência de Deus. Como “Ele” deu, ele tinha o direito de removê-lo. Esse era o sentimento de Jó, e essa é a verdadeira linguagem da submissão em todos os lugares. Aquele que tem uma visão adequada do que possui, sentirá que tudo deve ser atribuído a Deus e que ele tem o direito de removê-lo quando bem entender.

E o Senhor tirou – Não é por acaso; não é o resultado do acaso; não deve ser atribuída a tempestades, ventos e más paixões das pessoas. É o resultado de um design inteligente e, quem quer que tenha sido o agente ou instrumento nele, deve ser referido à providência dominante de Deus. Por que Jó não desabafou sua ira sobre os sábios? Por que ele não culpou os caldeus? Por que ele não amaldiçoou a tempestade? Por que ele não culpou seus filhos por se exporem? Por que não suspeitar da malícia de Satanás? Por que não sugerir





que a calamidade fosse atribuída à má sorte, à má sorte ou a uma má administração dos assuntos humanos? Nenhuma dessas coisas ocorreu a Jó. Ele traçou a remoção de sua propriedade e sua perda de filhos de uma só vez para Deus, e encontrou consolo na crença de que um soberano inteligente e santo presidia seus negócios, e que ele havia removido apenas o que dava.

Bendito seja o nome do Senhor – isto é, abençoado seja o Senhor – o “nome” de qualquer pessoa em hebraico que é frequentemente usado para designar a própria pessoa. O siríaco, o árabe e alguns manuscritos da Septuaginta aqui acrescentam “para sempre”.

– “Aqui”, diz Schmid, “o contraste é observável entre o objetivo de Satanás, que era induzir Jó a renunciar a Deus, e o resultado da tentação que levaria Jó aabençoar a Deus”. Assim, até agora Satanás havia sido frustrado, e Jó havia sofrido o choque da calamidade, e mostrou que ele não servia a Deus por causa dos benefícios que lhe eram recebidos.

4. SAUDADES SIM, TRISTEZAS, JAMAIS!

Quando Jesus dizia “Vinde a mim os aflitos que Eu vos aliviarei”, Ele já sabia que as dores da alma têm seu tempo de manifestar. E Deus nos respeita, dando-nos o momento do luto.

Foi um tempo infinito, muito sofrido e doloroso, mesmo sabendo da passagem bíblica: “Há tempo para tudo na vida, até para chorar (Eclesiastes 3: 1-8). Vivi esse tempo, sabendo de que ele passaria, não sabia quando, nem como, mas com a certeza de que outro tempo chegaria cheio de respeito, para acalmar o meu coração, fazendo com que a saudade não fosse mais tão dolorida.

Essa dor bateu a minha porta com força total. E, após meses, anos, os toques voltaram a bater, trazendo a serenidade e a paz, ambas anunciando que o meu Deus existe que estava chegando na hora certa para me afagar.

Deparei com um clima frio, com nuvens bailando suaves e quando tentava entender, senti o abraço fraterno do meu Senhor, general de guerra, enxugando as lágrimas ao tempo em que dizia: Filha, teus filhos voltaram para a casa do Pai. Estão felizes servindo no plano celestial. Agradeça o tempo que Deus permitiu de eles estarem com você. Fui envolvida pela serenidade e a paz, que me abraçavam, enxugando lágrimas que desciam copiosamente no rosto pálido, porém, com mais vida.





A Fé imensurável, no Deus onipotente, onisciente e onipresente, caminha comigo, regando com orações e louvores quando as lembranças visitam e a saudade aparece, sumindo, logo após as gotas d'água chamadas lágrimas caírem.

5. MINHA FÉ EM DEUS, MEU SUFICIENTE SALVADOR.

Me reporto a partir daqui, caro leitor, ao meu presente e ao Nosso futuro.

Saibamos que o propósito de Deus por mais injusto que nos pareça, tem um motivo, e, sempre embasado na lei do amor. Por isso tenhamos fé.

Hoje, dobro os joelhos em prece e crio forças para acreditar que meus filhos tiveram muita luz nas suas passagens. Estou mais resiliente. Crio habilidade de persistirem nos momentos difíceis quando a saudade doer - e ela dói, vai e volta, e continuará a doer... Mas, será preciso continuar; lamentavelmente, essa é uma das mais tristes regras que nos são impostas: - sobrevivermos com a ausência física daqueles que muito significaram à nossa continuidade, à nossa existência.

Que o tempo faça o que é dele fazer - leve um dia a dor embora e deixe apenas a saudade terna e mansa.

Sobrevivi, sobrevivo e continuarei sobrevivendo porque minha raiz está bem mais forte no meu Deus, minha rotina espiritual me fortalece porque procuro forças no meu Pai, meu rochedo, meu porto seguro, o meu Deus, meu suficiente Salvador.

Aprendi a viver com as lembranças e conviver com a saudade.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando perdi meus filhos, me vi sem chão, à beira da loucura, nada do que ouvia aliviava a dor da alma. Uma dor tão profunda que eu podia sentir fisicamente. Pensei que nunca iria voltar a sorrir sem me culpar.

Hoje sei que jamais voltarei a ser completa novamente. Não há como completar um coração de quem perde a quem se ama tanto. Ainda vou olhar seus retratos e chorar, ainda vou embargar a voz ao falar de vocês, ainda vou amanhecer com saudade, ainda em datas comemorativas vou deixar transparecer minha tristeza e indiferença, ainda vou continuar a amar vocês para sempre.

Muitos podem esquecer o Wilk e o André, mas em meu coração jamais vão morrer.

Quanto mais profundos tenham sido os relacionamentos entre as mães e os filhos, mais registros existem sobre estas singulares vivências nas mentes e nos corações maternos. Quanto mais engajadas tenham estado as mães nos relacionamentos ou nas situações problemáticas e conflitivas dos filhos, mais fortemente elas sentirão a dor-revelação que advém da derradeira partida deles, tantas vezes ocorrida sem qualquer despedida. Dos filhos violentamente arrancados da vida, imensas são as dores, angústias e desesperada impotência.

Perder um filho é doloroso sempre! Contudo, muitas vezes há neste desabar materno, outros sentimentos tão poderosos como a raiva, as culpas, as revoltas contidas e abafadas, que se somam impiedosamente ao supliciado existir materno. Não há saída para as mães quem viveram um sentimento profundo de amor pelos filhos, e deles foram violentamente afastadas...

O choque desagregador pertinente a morte de qualquer filho pode levar ao colapso mental e existencial da figura materna. De fato, é na hora inequívoca do adeus, que as sacrificadas e sofridas mães, inconscientemente avaliam, quem foram e ainda são os filhos, nos seus mutilados corações. Não importa aqui teorizar sobre as causas e as consequências de tais mortes, vamos nos ater basicamente na cruel dor da perda dos filhos pelas mães.





A dor materna que se segue a morte dos filhos não pode ser descrita com palavras simples ou elaboradas. A literatura passa muito longe... Imaginar? Também não é sequer parecido.

O momento derradeiro de soltar as mãos do filho morto, de retirar-se do abraço que jamais será vivido, de fechar o túmulo... onde as lágrimas e os soluços são apenas o começo de um longo luto podem ser narráveis, mas continuam inexplicáveis em sua profundidade intransferível.

Quando a cerimônia do sepultamento se encerra, sair do cemitério e voltar sozinha, sem aquele filho a quem estava espiritualmente ligada, habituada demais para ter a percepção da importância de sua ausência, rasga o coração materno e a alma afunda em um poço escuro, sombrio, solitário, contudo, revelador para a abatida mãe, sobre a intensidade de todas as suas reações verdadeiras...sem máscaras...

As mães esclarecidas, teoricamente sabem que nada é eterno; tudo que teve um começo, forçosamente terá um fim; mas, elas jamais estarão preparadas para a perda dos seus amados filhos, por quem, se possível fosse, dariam generosamente a própria vida. A dor das separações e despedidas relacionadas com os filhos, não possuem para as mães, um toque divino de eternidade.

A Inevitável dor da perda de um filho é difícil de aceitar, e que tempo algum fará diferença na falta que sentirão de seu filho. Mas tentem encontrar conforto um no outro, assim como no apoio e carinho de todos que amam vocês.

Nossas vidas não nos pertencem, e apenas Deus sabe o destino de cada um de nós, e Ele tinha um plano diferente para seu amado filho. Façam por entender e aceitar, e principalmente por continuar suas vidas, esforçando-se diariamente para serem felizes, pois é o que seu filho iria desejar. Os meus pêsames e que a alma de seu filho descanse em paz!
A vossa luz

Dia de Finados – consolo para os enlutados. Nesse dia a saudade bate mais forte nos corações dos que sofrem pelo luto. Mas também bate o amor e a certeza: quem partiu, jamais será esquecido. Dai-lhes, Senhor, o repouso eterno e brilhe para eles a Vossa luz!

Aqueles a que amamos nunca morrem, apenas partem antes de nós.





Que nunca nos falte o brilho no olhar, a firmeza nos passos e sabedoria nas decisões.

Todo dia é dia... de acreditar que vale a pena, que a vida é bela, que tudo é possível, que um sorriso ilumina, que um abraço cria laços, que a fé move montanhas e que saber viver é um eterno aprendizado.

Aprendizado esse que a vida vira um nada, de um nada que era tudo e esse tudo volta ao pó! O mesmo Deus que nos protege, nos conforta e reanima, nos derruba e nos acolhe, e fica a dor de mil espinhos, as perguntas sem respostas e a saudade a machucar.



REFERÊNCIAS

www.refletirpararefletir.com.br/5-textos-do-padre-fabio-de-melo

<https://schoenstatt.org.br/2021/05/08/as-maes-que-perderam-seus-filhos>

<https://www.mensagenscomamor.com/frases-de-luto-para-mae...>

<https://consciencial.org/mae-divina/as-maes-que-perderam-filhos> -Lucia Irene Reali Lemos

<https://www.mensagensdeconforto.com.br/conforto-mae-perde...> Suelen S Langner

<https://www.mensagensdeconforto.com.br/conforto-mae-perde...> Sociedade das mães egrégias

<https://www.bibliaplus.org/pt/commentaries/4/comentario-biblico-de-alb>

Albert Barnes (1798-1870)

Maria do Espírito Santo de Castro Gil.

ESCRITORA

CONTATO: (92) 992286857

